

TROPICALICALISMO PARA ESTAÇÕES RODOVIÁRIAS

Por Sérgio Barbo



Quem poderia imaginar que aos 64 anos o baiano Tom Zé estaria vivendo ag de sua carreira? Após anos de ostracismo, vivendo de shows pelo circuito un fama sustentada às custas do músico David Byrne, o eterno tropicalista está atenção especial no Brasil. Além de soltar há pouco o disco *Jogos de Armar* Tom Zé teve neste ano grande parte de sua discografia relançada por aqui, c homônimo (de 1968) e mais quatro CDs pela série *Dois Momentos* (organizad Gavin) - entre eles o antológico *Estudando o Samba* (de 1976), que chamou p atenção de David Byrne para o tropicalista -, sem contar a coletânea *Enciclo Brasileira Volume 3*, da Warner. "Quem havia de pensar que eu sairia no Volu não saia nem no volume 50", brinca o artista.

Segundo o próprio, são nove discos no total colocados no mercado. Além do nacionais, foram relançados nos Estados Unidos *The Best of Tom Zé* (de 199 colocou-o em evidência no exterior) e *The Hips of Traditions* (de 1992, grava de David Byrne). "Passei nove anos sem um disco. Agora lançam nove em um isso não bastasse, ele também foi agraciado com um documentário, *Tom Zé, uma Dinamite em Sua Cabeça*, feito recentemente pela cineasta Carla Gallo,

Cultural. O momento atual recoloca, assim, o artista na mídia, local que ele não visitava desde os primórdi quando, acompanhado pelo grupo Os Brasões, ganhou o festival de MPB com "São São Paulo Meu Amor", música, mais 'Jeitinho Dela' (de 1970) e 'Se o Caso é Chorar' (de 1972) tocavam muito no rádio. 'Se o Caso primeiro lugar numa época em que só tinha música americana na parada", relembra Tom, para deixar clar algo totalmente desconhecido para ele.

Entretanto, depois daquela fase inicial de êxito as experiências sonoras de Tom Zé - cujo aprendizado son com músicos de vanguarda como Koellreuter, Smetak e Ernst Widmer - começaram a causar um estranha ouvintes. "Esse disco, *Todos os Olhos*, me afastou da mídia", conta ele, se referindo ao álbum de 1973 (rel série *Dois Momentos*) em cuja capa figurava um close de uma bolinha de gude sugestivamente posicionad audácias estéticas cobraram seu preço e o artista se viu relegado ao esquecimento nos anos seguintes. " Brasília amarela com o Vicente Barreto, tocando para a classe estudantil. Queria fazer música popular, m sofisticado, de artista cult nos Estados Unidos". Foi, alias, o ex-Talking Heads David Byrne o grande respo redescobrimto de Tom Zé, ao lançar discos dele no exterior no começo dos anos 90. Cake, Tortoise, Se artista estrangeiros se tornaram fãs. Reconhecido lá fora, ele só foi se livrar da pecha de artista maldito p passado quando emocionou o público do festival Abril Pro Rock, em Recife. "O povo não me deixava mais

Lançado pela Trama, *Jogos de Armar (Faça Você Mesmo)* é seu primeiro trabalho gravado no país em mui posição como o autêntico perpetuador dos experimentos da tropicália. Entre as inovações do disco, há u com o nome da faixa "Chamegá", instrumentos criados com buzinas, enceradeiras e canetas esferográfic verdade de um projeto abortado em 1978) e até um disco sobressalente com fragmentos sonoros de canç que segundo o artista servem para o ouvinte remanejar e se tornar um virtual parceiro musical. Em todo c para momentos mais "tranquilos" como nas releituras, subversivas na verdade, das tradicionais "Pisa na "Asa Branca" (Luís Gonzaga). "Como todo disco novo eu tenho medo que isso não funcione, que só venha posteriormente como foi com *Estudando o Samba*", confessa o inquieto tropicalista, cuja vontade na reali número de pessoas. "Meu sonho é tocar na estação rodoviária", declara o quase popular Tom Zé.

74